

Viviane Gomes da **Silveira***

Universidade Federal de Santa Maria - Rio Grande do Sul, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7221-1956>

vyvyanegsm@gmail.com

Taís Fim **Alberti****

Universidade Federal de Santa Maria - Rio Grande do Sul, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4985-064X>

tais.alberti@ufsm.br

Samara Silva dos **Santos*****

Universidade Federal de Santa Maria - Rio Grande do Sul, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7171-5113>

samara.santos@ufsm.br

A mediação dos diálogos sobre a morte e o luto no contexto escolar e educacional: percepção de professores



RESUMO

O artigo investigou a percepção de professores sobre a mediação do tema da morte e do luto no contexto escolar e educacional através de uma pesquisa de revisão narrativa de literatura. No indexador de base de dados Periódicos CAPES, realizaram-se buscas combinadas com os descritores "morte", "luto", "escola" e "professores". Cinco artigos foram selecionados de acordo com a congruência da temática e objetivo da pesquisa, privilegiando a percepção de professores como objeto de estudo. Os dados foram analisados a partir da perspectiva da teoria histórico-cultural e de teorias do luto. Os resultados demonstram que os professores têm dificuldade em abordar o tema da morte e do luto, ao mesmo tempo em que compreendem a necessidade de oportunizar espaços coletivos para o diálogo. Conclui-se que há uma lacuna na formação inicial e continuada docente no tema e que a prática docente influencia na construção de significados e na elaboração de perdas e lutos dos estudantes.

Palavras-chave: Morte; Luto; Escola; Mediação; Professores.

* Mestre em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria. Atua como psicóloga escolar na instituição de educação básica Colégio Franciscano Sant'Anna. CV: <http://lattes.cnpq.br/7822532328060242>

** Doutora em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atua como professora junto ao Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria. CV: <http://lattes.cnpq.br/7994109513454054>

*** Doutora em Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atua como professora junto ao Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria. CV: <http://lattes.cnpq.br/1315602265197011>



The mediation of dialogues about death and mourning in the school and educational context: teachers' perceptions

ABSTRACT

The article investigated teachers' perception of the mediation of the theme of death and mourning in the school and educational context through a narrative literature review. In the CAPES Periodicals database indexer, combined searches were carried out with the descriptors "death", "mourning", "school" and "teachers". Five articles were selected according to the congruence of the theme and objective of the research, privileging the perception of teachers as the object of study. The data were analyzed from the perspective of historical-cultural theory and theories of mourning. The results demonstrate that teachers have difficulty approaching the topic of death and mourning, at the same time, they understand the need to provide collective spaces for dialogue. It is concluded that there is a gap in initial and continuing teacher training on the topic and that teaching practice influences the construction of meanings and the elaboration of students' losses and mourning.

Keywords: Death; Mourning; School; Mediation; Teachers.

La mediación de los diálogos sobre la muerte y el duelo en el contexto escolar y educativo: percepciones de los profesores

RESUMEN

El artículo investiga la percepción de los profesores sobre la mediación del tema de la muerte y el duelo en el contexto escolar y educativo a través de una revisión de la literatura narrativa. En el indexador de la base de datos de Periódicos CAPES, se realizaron búsquedas combinadas con los descriptores "muerte", "duelo", "escuela" y "profesores". Se seleccionaron cinco artículos según la congruencia del tema y objetivo de la investigación, privilegiando la percepción de los docentes como objeto de estudio. Los datos fueron desarrollados desde la perspectiva de la teoría histórico-cultural y las teorías del duelo. Los resultados demuestran que los docentes tienen dificultades para abordar el tema de la muerte y el duelo, al mismo tiempo que comprenden la necesidad de brindar espacios colectivos de diálogo. Se concluye que existe un vacío en la formación inicial y continua de docentes sobre el tema y que la práctica docente influye en la construcción de significados y en la elaboración de las pérdidas y duelos de los estudiantes.

Palabras clave: Muerte; Duelo; Escuela; Mediación; Maestros.



A morte e o luto, inevitavelmente, fazem parte do cotidiano da vida. Os seres humanos sofrem perdas significativas e vivenciam processos de luto ao longo do desenvolvimento. Desse modo, o luto é uma reação esperada diante de perdas significativas para o sujeito, podendo ser concretas, como a morte de pessoas e animais queridos, ou simbólicas, como a perda de um emprego, o rompimento de um relacionamento amoroso, o fim de uma amizade, entre outras situações em que há o sentimento de que algo importante se perdeu (Teixeira, 2007). Assim, a morte e o luto são processos que adentram os espaços sociais, tornando-se aprendizagens sociais, sendo as instituições escolares, um espaço privilegiado para isso. Contudo, vivemos em uma sociedade em que a morte e o luto são temas, frequentemente individualizados, negados e silenciados e o aparecimento destes no âmbito escolar torna-se motivo de angústia tanto para profissionais, quanto para estudantes e familiares.

Na sociedade ocidental contemporânea há o predomínio de um distanciamento cultural e social da morte, resultado do processo descrito por Ariès (2023) da morte, tornada selvagem. Ou seja, existe um desaparecimento social da visibilidade da morte e uma tolerância às manifestações de luto desde que ocorram de forma privada (Ariès, 2023, Laufer, 2012). Paradoxalmente, a pandemia do Coronavírus escancarou a relação dos indivíduos com a morte e o luto, trazendo inúmeras perdas concretas e simbólicas. Os efeitos da pandemia, no Brasil, que levou à óbito quase 700 mil pessoas,¹ afetaram a prática do luto, diante da dificuldade de se ter uma previsibilidade de saúde e de expectativa de vida, da rotina de trabalho e da interferência sobre a liberdade de ir e vir, que ocorreram em reflexo da obrigatoriedade do uso da máscara e da prática do distanciamento social que, em não raros casos, levou à necessidade do isolamento social.

Nesse cenário pandêmico, o espaço social da escola pública também foi impactado e esvaziado, num momento histórico em que sua importante função de possibilitar a aquisição e a manutenção do acesso ao saber elaborado historicamente a fim de propiciar a transformação social e a superação das desigualdades e contradições da sociedade capitalista (Saviani, 2003), momentaneamente cedeu lugar para uma pauta mais urgente. A escola pública assumiu uma importante função de assistência social (e não de assistencialismo) de combate às desigualdades sociais que foram potencializadas com a pandemia, principalmente no que tange à fome e ao desemprego das famílias em decorrência da ausência de políticas públicas que garantissem os direitos da população em maior vulnerabilidade (Kohan, 2021; Nunes et al., 2021).

A pandemia exigiu que a escola se reinventasse, a partir de novas necessidades e desafios impostos na sociedade. A educação seguiu sendo uma demanda social, contudo precisou adaptar-se à virtualidade. O que gerou não só muitos lutos no processo de ensino-aprendizagem, afetando professores, alunos e famílias, mas também evidenciou a desigualdade social no acesso às tecnologias necessárias para se construir conhecimento sistematizado e historicamente produzido pela humanidade. Os impactos dessa realidade são extensos e não cabem ser descritos nesse estudo, mas se traduzem na defasagem da aprendizagem, no acesso

¹ Brasil. Ministério da Saúde. *Gabinete do Ministro*. Boletim epidemiológico nº 153 – Boletim COE Coronavírus. Brasília, 2023. https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/covid-19/2023/boletim_covid_153_julho_11set23.pdf/view.



desigual às condições materiais de existência (alimentação, moradia, saúde, cultura, tecnologias etc.), na precarização da qualidade da interação social ocasionadas pelo distanciamento social, bem como na falta de suporte e subsídios formativos aos professores, que tiveram que reinventar sua prática docente às pressas (Saviani & Galvão, 2021).

Tais questões mobilizaram as escolas a buscar ajuda externa para lidar com os atravessamentos do luto na instituição. Nesse contexto, a lei 13.935² que prevê a obrigatoriedade da presença do psicólogo e do assistente social nas escolas já foi aprovada e, em determinados contextos, efetivada. Contudo, a implementação da lei ainda é insuficiente diante das demandas a nível local, o que resulta numa sobrecarga e desassistência aos atores escolares diante de situações de crise, como a do luto (Rocha & Negreiros, 2024). Nesse cenário, a falta de profissionais da psicologia nas escolas sobrecarregou o fazer docente e a equipe pedagógica, que acaba tendo que lidar com questões que muitas vezes não foram pauta de formações iniciadas e continuadas no seu fazer profissional. Soma-se a isso a vivência dos próprios processos de luto dos professores que impactam na sua profissão docente, que é indissociável da vida pessoal, não tendo, muitas vezes, suporte ou espaço no ambiente social de trabalho para dialogar e construir significados coletivos sobre suas vivências.

Como resultado, a morte e o luto adentraram radicalmente o espaço social da escola, impactando o processo de ensino-aprendizagem e trazendo diferentes atravessamentos na relação entre alunos e professores (Bernz, 2012). Nesse cenário pandêmico, a figura do professor ocupou um lugar singular na busca de respostas e/ou de busca por acolhimento diante de perdas significativas pelos estudantes. Essa singularidade se justificou pelo papel que o professor ocupa na escola ser de autoridade, em se tratando do vínculo com os alunos que é construído pela via da afetividade, mediador e orientador em situações pedagógicas e de relacionamento interpessoal em sala de aula (Facci, 2004). Diante disso, torna-se interesse do presente estudo entender o que implicou para os professores, que também sofrem perdas significativas e têm de lidar com seus próprios processos de luto, ocupar esse papel como mediador do diálogo sobre o tema da morte e do luto no ambiente escolar.

A partir desse panorama, realizaram-se buscas na base de dados reconhecida Periódicos CAPES. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: "morte", "luto", "escola", "professores" tanto de forma isolada quanto combinada, tanto em língua portuguesa quanto inglesa. Os critérios de exclusão abrangeram trabalhos referentes a resumos expandidos ou simples, trabalhos de conclusão de curso, dissertações ou teses e relatos de experiência ou pesquisas que não evidenciassem a perspectiva docente. Encontraram-se 8 trabalhos e destes, 1 estava duplicado, 1 era um relato de experiência e o outro era um estudo de caso na perspectiva de estudantes. Foram selecionados 5 artigos, com publicações datadas de 2012 a 2022. A pesquisa parte de uma análise crítica de estudos já desenvolvidos e publicados na comunidade acadêmica, a fim de contribuir no avanço das discussões e identificação de lacunas existentes que direcionem os próximos estudos. A análise dos dados apoiou-se na perspectiva da teoria da

² Brasil. Lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. *Diário oficial da união*. Sessão 1, p. 7. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/l13935.htm.



Psicologia Histórico-Cultural (Vygotsky, 2000) e na Pedagogia Histórico-Crítica (Saviani, 2003), dialogando com as contribuições de teorias do luto cujos pressupostos permitem interlocução (Bowlby, 1978 e 2002; Parkes, 1993; Neimeyer, 2011; Kovács, 2012; Franco, 2021).

O papel da escola, do professor e do psicólogo escolar e educacional

As escolas constituem-se como um espaço social de aprendizagem dos conhecimentos produzidos e acumulados ao longo da história pelos indivíduos e por trocas de saberes da prática cotidiana entre seus atores. Essas instituições são responsáveis pela educação integral dos sujeitos, em que aprendizado, desenvolvimento e educação estão intrinsecamente imbricados, tendo como missão tornar os homens cidadãos (Rego, 1995; Vygotsky, 2000). Nesse entendimento, a responsabilidade da escola não se limita apenas ao cumprimento do programa pedagógico obrigatório, mas contempla também os temas transversais constitutivos dos sujeitos, a fim de prepará-los para a vida social.

Para Saviani (2003), a função da escola é a de propiciar que os indivíduos de todas as classes tenham acesso e se apropriem dos saberes elaborados acumulados historicamente pela humanidade. O fim último da educação seria propiciar, através do acesso e aprendizagem dos conteúdos socialmente elaborados, que os indivíduos transformem sua própria realidade de vida, rompendo com a alienação de pressupostos capitalistas de subordinação dos dominados e manutenção do *status quo*. Nesse sentido, Tuleski (2022), fazendo uma leitura crítica dos pressupostos teóricos de Saviani, afirma que as necessidades dos homens determinam os objetivos educacionais, sendo eles: educação para subsistência, educação para libertação, educação para comunicação e educação para transformação.

No ambiente escolar, o professor assume um papel de destaque no processo de transmissão da cultura e da humanização dos indivíduos, não de forma passiva, mas assumindo a posição de mediador, orientador e organizador da sistematização dos conteúdos científicos com intencionalidade na atividade de ensino (Facci, 2004; Leontiev, 2021). Dessa forma, o ato de ensinar depende do planejamento e da intencionalidade do docente que, por sua vez, direcionam o desenvolvimento psíquico dos indivíduos (Martins, 2013). Nesse sentido, o professor é a força motriz da unidade ensino-aprendizagem-desenvolvimento, em que o ensino conduz ao desenvolvimento e vice-versa. Contudo, Vygotsky (2021) destaca que não há aprendizagem sem o ensino, destacando o papel imprescindível do professor na condução desse processo.

A mediação do professor é condição necessária para a assimilação de conceitos científicos e para a interiorização do conhecimento. Este processo ocorre por meio da zona de desenvolvimento próximo, em que um indivíduo mais experiente auxilia um indivíduo em potencial para associar novos conhecimentos elaborados aos seus conhecimentos prévios (Vygotsky, 2021). Evidencia-se, assim, a função insubstituível do professor no processo de ensino-aprendizagem. Ao ensinar conteúdos advindos dos conhecimentos científicos e de sua práxis com intencionalidade, o docente conduz o desenvolvimento das funções



psicológicas superiores dos estudantes, tais como, a consciência, a percepção, a memória, a atenção voluntária, o pensamento, a abstração, a formação de conceitos científicos, entre outros (Vygotsky, 2018). Dessa forma, a psicologia histórico-cultural compreende o ensino como parte da atividade docente, englobando a prática didática do profissional de forma que o objeto (motivo) e fim da prática de ensino pelo professor seja voltada para a autotransformação dos sujeitos (Longarezi & Puentes, 2017).

Uma vez que a escola é uma instituição, por excelência, palco para as representações históricas e culturais da sociedade de forma ativa e crítica (Facci, 2004), interessa saber de que forma os conceitos de morte e luto são discutidos e mediados pelo professor no ambiente escolar e o que isso implica aos docentes. A escola como recorte da sociedade reflete e reproduz ativamente os significados construídos a partir das várias perdas que os indivíduos sofrem, sejam elas concretas ou simbólicas entre professores, alunos, famílias, funcionários e comunidade. Para Vygotsky (2018), o significado e o sentido são conceitos essenciais para a compreensão da relação existente entre pensamento e linguagem e a constituição da consciência. Leontiev (1978) aprofundou a compreensão desses conceitos a partir da atividade humana. Desse modo, para o autor, a consciência é desenvolvida a partir da atividade dos indivíduos, sendo constituída por três elementos: o conteúdo sensível, a significação social e o sentido pessoal. O conteúdo sensível refere-se ao conteúdo imediato da consciência (sensações, imagens, representações, percepções); a significação social é uma síntese das práticas sociais, sendo o reflexo da realidade elaborada historicamente pela humanidade, independente da relação pessoal desenvolvida com ela; o sentido pessoal é aquilo que provoca a ação no sujeito, sendo o que traduz a relação daquilo que motiva o sujeito e a finalidade de suas práticas (Leontiev, 1978).

O significado desenvolve-se na esfera intersubjetiva primeiro, ou seja, na relação entre os indivíduos, de forma generalizada, para depois tornar-se um conceito intrapsíquico, dotado de sentido pessoal, através do processo de interiorização (Vygotsky, 2018). Tanto o significado quanto o sentido pessoal são construídos e dependentes dos processos sociais, históricos e culturais. Desse modo, a diferenciação entre sentido e significado é produzida a partir das vivências individuais do sujeito (Asbhar, 2014). Assim, desprende-se que a subjetividade é constituída por intermédio da forma com que o indivíduo se apropria das condições da realidade objetiva, num constante diálogo entre significado e sentido. Asbhar (2014) ressalta a importância do modo como Leontiev percebe o papel da educação na formação da consciência, que deve ser “entendida não como a formação de hábitos e funções, mas como formação integral da personalidade humana” (Asbhar, 2014, p. 289).

Em se tratando da inserção do tema da morte na escola, os estudos de Herrero et al., (2022) e de Santos e Incontri (2010) apontam que embora a morte seja inerente à vida e circunde diversas matérias do currículo pedagógico das escolas, como artes, literatura, biologia, história, entre outros, ela ainda não é incluída oficialmente no planejamento do currículo escolar. Diante dessa realidade, organizações internacionais como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) compreendem ser missão da escola educar para a vida, sendo a morte compreendida como parte da vida, e recomendam que o tema da finitude



seja tratado nas escolas.³ Contudo, observa-se que as escolas se encontram desprovidas de condições materiais, imateriais e históricas para essa implementação.

De acordo com o que é proposto pela Base Nacional Comum Curricular,⁴ não há uma base legal que legitime a inclusão do tema da morte enquanto disciplina pedagógica; o que abrangeria habilidades para lidar com a morte (Gascón et al., 2019). Entretanto, podemos compreender que há uma brecha que legitima, de forma indireta, que se trabalhe questões sobre a morte e seus significados em diferentes culturas e crenças sociais na disciplina de ensino religioso. Nesse sentido, observa-se que nos Parâmetros Curriculares Nacionais há abertura para abordar a morte enquanto tema transversal, pois: “se a escola pretende estar em consonância com as demandas atuais da sociedade, é necessário que trate de questões que interferem na vida dos alunos e com as quais se vêem confrontados no seu dia-a-dia”.⁵

Tal abordagem promoveria uma conscientização sobre o fenômeno da morte e sua interlocução com a vida (Gascón et al., 2019). O estudo de Gascón et al. (2019) aponta que de forma geral é demonstrado um moderado otimismo sobre a inserção do tema na educação escolar, uma vez que o fenômeno da morte e os processos de luto estão presentes no cotidiano escolar. Esta abertura não significa, necessariamente, que o tema esteja sendo trabalhado nas escolas de forma crítica, promovendo espaços de diálogo e reflexão sobre de que formas o tema da morte e do luto impactam na formação das subjetividades, o que se justifica diante do sentimento de despreparo formativo dos profissionais e em razão de, contraditoriamente, o tema ser considerado tabu (Gascón et al., 2019; Santos & Incontri, 2010). Ferreira e Farias (2023) mencionam que há casos em que o convite para olhar para a morte e seus significados é realizada sem uma mediação, necessária, para compor uma síntese de sentido entre o que é considerado objetivo e subjetivo dos indivíduos. Assim, o tema tem sido abordado nas escolas com maior frequência quando se trata de circunstâncias trágicas ou em situações em que se é inevitável falar sobre (Gascón et al., 2019), assumindo um caráter de remediação e não um caráter preventivo e reflexivo. Conforme Ferreira e Farias (2023), as mortes trágicas advindas de condutas violentas no contexto escolar, consideradas crimes, evocam no social a necessidade de comunicação e manutenção de uma memória, enquanto ato político, reunindo percepções tanto objetivas quanto subjetivas dos espectadores, denunciando rupturas dolorosas na previsibilidade da vida que se fundam no “recordar para não repetir”

Diante do atual cenário no campo na educação, o que cabe à psicologia escolar e educacional? De acordo com as referências técnicas para a atuação do psicólogo escolar e educacional disponibilizada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), a atuação deste profissional envolve a participação na construção, implementação e avaliação do projeto político-pedagógico, intervenção nos processos de ensino-aprendizagem, elaboração de

³ United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. Incheon Declaration: Education 2030: *Towards inclusive and equitable quality education and lifelong learning for all*. UNESCO, 2015. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000233137>.

⁴ Brasil. Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME (2017). http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf.

⁵ Brasil. Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. *Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1997.



formações docentes e de demais funcionários, promoção de uma educação inclusiva e trabalhos grupais.⁶ Contudo, essa atuação enfrenta desafios decorrentes das contradições produzidas historicamente que permeiam a estrutura da sociedade em classes, tanto ideológicas quanto materializadas nas condições de vida e do acesso ao saber sistematizado produzido pela humanidade. Desse modo, a atuação do psicólogo escolar e educacional, inevitavelmente, envolve um posicionamento ético e político, que é o de estar a favor da democratização ao acesso e à permanência escolar das classes oprimidas, com o compromisso de desconstruir práticas excludentes, medicalizantes e de patologização dos indivíduos (Patto, 2015).

Numa proposta de mediação do diálogo com a equipe escolar para pensar subsídios para abordar o tema da morte e do luto com os escolares é preciso propor formações que considerem os aspectos subjetivos, históricos, culturais, sociais e políticos que permeiam as práticas sociais. Assim, torna-se possível a articulação de ações que visam à transformação social em relação ao que gera sofrimento social ao longo do desenvolvimento. Nesse cenário, o lugar da psicologia escolar e educacional está subordinada à pedagogia escolar, pois a psicologia educacional torna-se dependente da forma que o ensino é conduzido, pois é através dele que o desenvolvimento se orienta (Magalhães & Martins, 2021). Tal afirmação não significa que a psicologia não possa contribuir em como as práticas educacionais são desenvolvidas. Afinal, não é apenas a partir do acesso ao conhecimento que os sujeitos se transformam, é preciso oferecer condições que visem transformar a consciência dos indivíduos.⁷

A condução de atividades, ações e operações dependem de condições materiais e imateriais, de forma que é preciso organizar as condições frente ao motivo (objetivo) maior para serem alcançados (Leontiev, 2021). Cabe pensar a importância das formações continuadas para toda a equipe educacional, numa tentativa de alinhamento epistemológico e de contribuição de cada área no processo de ensino-aprendizagem. Na construção e implementação dessas formações, a psicologia escolar e educacional pode contribuir, por meio de seus conhecimentos e de sua ética profissional e social, que não se orienta pela prescrição de normas e por uma visão normativa dos sujeitos e sim pelo constante questionamento sobre o que fazemos, para quê e para quem, com qual finalidade e respondendo a quais interesses (Antunes, 2008). Assim, não se trata de levar ao ambiente escolar um conhecimento pronto sob o ponto de vista científico da morte e do luto, mas de construir saberes, significados e práticas em que todos os atores se tornem protagonistas através da oportunidade de diálogo frente ao tema.

A morte e o luto na educação

O luto é uma reação a uma perda real ou simbólica, que, por sua vez, pode ser compreendido como “um processo de construção de significado em decorrência de rompimento de um vínculo” (Franco, 2021, p. 24). Nesse sentido, é um processo porque

⁶ Conselho Federal de Psicologia (Brasil). (2019). *Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) na educação básica* / Conselho Federal de Psicologia. 2. ed. Brasília: CFP.

⁷ Conselho Federal de Psicologia (Brasil). (2019) *Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) na educação básica* / Conselho Federal de Psicologia. 2. ed. Brasília: CFP.



transforma os indivíduos, demanda mudanças para que estes consigam se reorientar no mundo e implica a necessidade de se construir significados diante da perda (Franco, 2021). As mudanças significativas que decorrem da perda abalam a noção de mundo presumido do sujeito, isto é, a forma como o indivíduo se via no mundo e se relacionava com ele (Parkes, 2009). O que implica na necessidade de construção de novos significados diante do novo mundo que se apresenta. Esse processo é dual (Stroebe & Schut, 1999), no qual os indivíduos ora se voltam para a perda e ora para a restauração da vida, o que demanda encontrar significados (novos) e dar significados (previamente elaborados) em torno da perda (Attig, 2001).

Crianças, jovens e profissionais passam grande parte do tempo na escola ao longo do desenvolvimento humano, o que torna natural o aparecimento de diversas perdas, lutos e a própria morte no contexto escolar. A partir desta realidade, Kovács (2005) entende que os profissionais que devem ter preparo para lidar com as questões humanas frente à morte e ao luto abrangem não só os da área da saúde, pois “a preparação para lidar com ele envolve o psicólogo escolar, além dos profissionais da área da educação” (Kovács, 2012, p. 35). Tal afirmação é impactante e se depara com contradições, uma vez que a própria autora não encontrou em sua trajetória acadêmica uma quantidade significativa de referências sobre a morte no contexto educacional, ao passo em que frequentemente deparou-se com a denúncia de uma lacuna formativa por parte dos professores no tema (Kovács, 2012).

Diante desse panorama, surgem perguntas pertinentes que a autora reflete em relação à percepção dos docentes sobre a inserção do tema da morte e do luto na escola: “Acham que a educação para a morte deve acontecer nas escolas? Quem assume essa responsabilidade? É uma atividade pedagógica regular ou especial quando da ocorrência de morte de familiar da criança, ou membro da equipe da escola?” (Kovács, 2012, p. 49). A fim de compreender e buscar um direcionamento para essas questões, a autora salienta poucas contribuições na literatura científica e afirma a importância dos estudos de Cunninham e Hare (1989) e de Cullinam (1990) para conhecer “a visão de morte dos professores e a maneira como lidam com seus processos de luto – o que tem grande influência sobre toda a classe” (Kovács, 2012, p. 50). Contudo, tais estudos evidenciam uma postura mais idealizada e prescritiva sobre como os profissionais do ambiente escolar deveriam lidar com o luto, não levando em conta aspectos subjetivos e de disponibilidade psíquica para assumir tal papel, além de desconsiderar aspectos dos diferentes contextos que compõem a realidade brasileira, o que evidencia limites ao se propor a ampliação de sua implementação.

Nem todas as perdas ocasionarão processos e luto, mas as perdas que são percebidas pelos indivíduos como significativas geram “reações naturais de processos de luto” (Franco, 2021). Em outras palavras, depende da natureza, dos significados e da qualidade do vínculo que foi rompido (Bowlby, 1978/2002). Sabe-se que indivíduos que sofrem perdas significativas não rompem totalmente o vínculo, mesmo diante de uma perda concreta. O que Klass et al. (1996) denominam de vínculos contínuos. Assim, mesmo na falta concreta do objeto ou da pessoa amado/a, o significado deste/a permanece e tende a ir se transformando ao longo do tempo. De acordo com Luna e Moré (2017), ao enfrentar uma perda significativa, o enlutado busca significados construídos na relação com o objeto/a pessoa perdido/a, ao mesmo tempo



em que tenta encontrar novos significados para a nova relação estabelecida com ele/ela, que é marcada pela falta e pela necessidade de modificações referentes à identidade do enlutado. No enfrentamento de uma perda, crianças enlutadas tendem a buscar o adulto em uma tentativa de reordenar seu mundo (Kovács, 2012). Muitas vezes ocorre de elas geralmente direcionarem as narrativas de suas perdas aos professores com quem possuem maior proximidade no ambiente escolar. Tal relação que se estabelece entre aluno e professor na mediação do luto configura-se como um exemplo dos aspectos relacionais do luto, de modo que aquilo que o outro diz sobre o processo de luto de um indivíduo impacta na elaboração deste (Neimeyer, 2011).

Torres (1999) e Kovács (2003) abordam a importância de se inserir os temas da morte e do luto na educação. Assim, é possível propiciar aos atores escolares a elaboração de sentidos coletivos sobre a morte e o luto, o que também significa elaborar sentidos sobre a vida (Kübler-Ross, 2017; Kovács, 2003). Além disso, ao abrir espaço de diálogo sobre o tema, a escola denuncia e permite transformações no modo como a sociedade reflete e se comporta, por meio do diálogo sobre crenças, valores e aspectos culturais. Neste cenário, surge espaço para o compartilhamento e reflexão sobre o mal-estar na sociedade e a dissolução de um luto, ao propiciar o movimento de se abrir espaço para falar e construir novos significados e práticas mais acolhedoras.

A maneira pela qual a criança e o adolescente compreendem o conceito de morte possuem especificidades de acordo com o desenvolvimento cognitivo e as vivências de perdas prévias (Chiatonne, 2003; Torres, 1999). O que exige do professor o conhecimento sobre estas especificidades no momento de abordar o tema em sua prática pedagógica, acolher dúvidas e dialogar com os alunos. Dessa forma, evidencia-se a necessidade de se abordar o tema com clareza e não se utilizar de explicações ambíguas ou com eufemismos, pois crianças tendem a compreender as coisas em sua concretude (Franco, 2021).

Discussão

Após o panorama sobre a temática da morte e do luto no contexto escolar e, considerando a lacuna na formação de professores e a necessidade de uma abordagem crítica e contextualizada que rompa com a lógica medicalizante e promova a colaboração entre os diferentes atores da comunidade escolar, a presente seção explora uma análise de cinco artigos científicos que investigaram a percepção e as práticas de professores diante da morte e do luto em sala de aula. Os estudos selecionados, todos com abordagem qualitativa, utilizaram entrevistas semiestruturadas e os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo. Os resultados destacaram os desafios enfrentados pelos professores, a influência de suas crenças e experiências pessoais e a necessidade de formação e suporte para abordar essa temática complexa e sensível.

As diferenças dos estudos encontrados são observadas a partir do referencial teórico de que partem para analisar os dados, os objetivos específicos de cada estudo, as especificidades dos contextos locais, a escolha por escolas particulares e/ou públicas, e os participantes das entrevistas que variam entre somente professores e/ou docentes, equipe pedagógica e diretiva



do ensino fundamental. De modo geral, percebe-se que os estudos analisados se esforçaram em compreender a forma pela qual os professores relacionam-se com o tema da morte e do luto no contexto escolar, enfocando os desafios enfatizados por eles e confirmando a existência de uma importante lacuna formativa no tema. Salienta-se que em nenhum dos estudos foi encontrado o período em que as entrevistas foram realizadas.

O estudo de Laterman e Szyllit (2019) investigou sobre os desafios enfrentados pelos docentes na sala de aula e as ações pedagógicas tomadas diante de uma situação concreta de morte de aluno por doença em três escolas: uma escola pública, uma escola particular laica e uma escola particular de administração religiosa. Torna-se importante salientar que o estudo não especifica em que região ocorreu, nem a abrangência geográfica da escolha das escolas realizada pelo método de "bola de neve". Ao discutir sobre as especificidades de noticiar a morte e acolher a reação da turma, observou-se que, em nenhuma das escolas, a figura docente conseguiu organizar ações visando acolher os processos emocionais profundos em curso de forma independente, recorrendo à ajuda da equipe multiprofissional e de profissional da psicologia externo. Diante da tarefa de noticiar e acolher a turma, salienta-se a possibilidade de o professor não ter o seu próprio luto reconhecido no ambiente escolar.

A investigação de Fronza et al. (2015) Investigou a maneira pela qual o tema da morte e do luto é abordado no contexto escolar, buscando compreender o que dificulta a abordagem pelos docentes e instrumentalizar os professores em sua prática pedagógica. Focando em uma questão formativa, os autores apontam que as propostas de formação continuada sobre o tema devem acolher as dúvidas e questionamentos dos docentes, englobando tanto o lado pessoal quanto o profissional. Esse estudo, que ocorreu em três escolas particulares, localizadas na cidade de Santa Maria, no interior do estado do Rio Grande do Sul, contribui na discussão sobre o impacto de crenças religiosas pessoais na mediação do tema da morte e do luto pelos docentes. Nessa perspectiva, os autores compreendem que os professores que adotam uma postura acolhedora e respeitosa em relação às diferentes crenças religiosas facilitam as discussões sobre a questão da morte no ambiente escolar.

O estudo de Yaegashi et al. (2019) analisou a relação entre as representações sociais dos profissionais de educação sobre o luto infantil e as dificuldades de aprendizagem de crianças de uma escola municipal localizada no norte do estado do Paraná. Neste estudo, enfocou-se o reconhecimento de sinais de luto infantil ao nível cognitivo, comportamental e emocional pelos docentes no que tange ao processo de ensino-aprendizagem. O estudo abordou a importância de os professores identificarem sinais de luto infantil para acionar a rede de suporte necessária. Nesse aspecto, os autores entendem que os processos de ensino e de aprendizagem podem ser beneficiados quando a escola e a família se unem para apoiar a criança enlutada.

A pesquisa de Marques e Demartini (2011) investigou a presença e o processo de luto por morte nas escolas e também de que forma professores, coordenadores e diretores podem apoiar estudantes enlutados. Nesse artigo, os autores abordaram as facilidades e as dificuldades em lidar com as questões de luto e morte em duas escolas municipais localizadas na região da grande São Paulo, a partir da percepção docente, equipe pedagógica e direção. Enfatiza-se a



necessidade de se pensar a educação para a morte conforme a experiência e a necessidade de cada realidade escolar. Isso se evidencia ao passo que escolas em situação de vulnerabilidade social e de violência cotidiana na comunidade sofrem com o desafio da banalização da morte em propostas de reflexão sobre ela.

O estudo de Giaretton et al. (2020) buscou compreender como professoras de quatro escolas públicas localizadas no interior do estado do Rio Grande do Sul, entendem a temática da morte nas escolas e os desafios com os alunos. As professoras entendem suas práticas didáticas como oportunidades no auxílio do enfrentamento do luto e dos medos dos alunos. A proposta de uma educação para a morte não vem sendo pautada no sentido de deter todas as respostas aos questionamentos que emergem, mas de promover espaços de diálogos que possibilitem a reflexão, a desmistificação e a elaboração. Os autores defendem que a escola e os professores possuem papéis importantes na formação emocional de seus alunos e em seu acolhimento em momentos de crise, como a do luto.

Para compreender de que modo os docentes se relacionam com o tema da morte e do luto, Fronza et al. (2015) e Yaegashi et al. (2019) apontam a impossibilidade de cindir o lado profissional e o lado pessoal dos indivíduos. A percepção dos professores sobre o tema é atravessada por suas histórias de vida, engajamento em atividades sociais e culturais e experiências de perdas progressas. Desse modo, os significados e o sentido pessoal sobre a morte e o luto para o docente influenciam na mediação sobre o tema no contexto escolar, de forma que a personalidade e a atividade do docente são interdependentes. Dessa forma, o trabalho docente possui aspectos objetivos e subjetivos, no qual o primeiro refere-se a toda a atividade prática que o trabalho docente requer, e o segundo refere-se a compreensão do significado de sua atividade (Facci, 2004).

A compreensão do significado da atividade laboral (do papel docente) é, antes, intersubjetiva, salientando os aspectos relacionais na construção de significados e conceitos, para somente após, tornar-se intrasubjetiva, isto é, interiorizada pelo indivíduo (Vygotsky, 2021). Nesse processo de interiorização, o indivíduo apropria-se do que a cultura postula, mas a forma com que ele faz isso e os motivos que o fazem se apropriar desse conhecimento é o sentido pessoal. Com a impossibilidade de cindir os motivos objetivos e os subjetivos, a atividade que o sujeito desempenha é um aspecto interior de sua personalidade (Leontiev, 2021).

Fronza et al. (2015) e Yaegashi et al. (2019) mencionam aspectos de ordem religiosa como um aspecto formativo diferencial percebido pelos professores nas escolas que atuam. Os docentes entendem haver um suporte maior para se falar e lidar com o tema da morte e do luto nas escolas religiosas, contudo, de forma limitada às crenças e atitudes cultivadas na religião que cada escola adota. Sob o prisma religioso, há um conjunto de noções e práticas consideradas corretas e, que deveriam nortear as ações dos indivíduos. Como resultado, a religião oferece suporte e significados para a morte e o luto, mas que só será percebida como suporte efetivamente se o indivíduo se identificar com aquela crença, ou seja, se ela fizer sentido para si.

Contudo, atuar em uma escola religiosa e perceber que há uma maior abertura e rede de suporte entre os colegas de trabalho não quer dizer que em sala de aula o professor se sinta



preparado para mediar o tema da morte e do luto com os estudantes (Yaegashi et al., 2019). Na verdade, independentemente de a escola que o professor atua ser laica ou não, a grande maioria dos professores parece não se sentir preparada para mediar o tema da morte e do luto em sala de aula (Marques & Demartini, 2011; Fronza et al., 2015; Yaegashi et al., 2019; Giaretton et al., 2020; Laterman & Szyllit, 2021).

Tal panorama na esfera educacional justifica-se ao passo que o tratamento que a cultura ocidental contemporânea confere à morte é de silenciamento, uma vez que a morte tornou-se tabu ao ser deslocada da esfera comunitária para a esfera privada, o que Ariès (2023) denomina “a morte tornada selvagem”. Dessa forma, é possível afirmar, conforme Laufer (2012), que “o luto torna-se um assunto pessoal a ser tratado solitariamente, uma ‘massa a dois’, entre o morto e o sobrevivente, como o terceiro (palavra, coletivo, comunidade) tivesse sido excluído dessa relação dual” (p. 17). Como uma consequência da morte tornada selvagem (Ariès, 2023), identifica-se falta de espaços para o diálogo e formações docentes sobre uma educação para o tema da morte e do luto ao longo da carreira dos professores, conforme apontado na literatura (Rodriguez, 2010; Kovács, 2012; Gascón et al. 2019). Diante disso, a conduta tomada pela maioria dos professores nos artigos analisados acaba sendo de sensibilidade em relação ao luto de seus alunos, mas carecendo de suporte formativo de subsídios teórico-práticos e social (da equipe) no enfrentamento dessas questões.

Marques e Demartini (2011) e Laterman e Szyllit (2019) apontam como desafios na mediação do tema da morte e do luto: a falta de apoio social que os docentes vivenciaram e/ou vivem em seus próprios processos de luto, não saber lidar com o próprio luto e não conseguir integrar a perda à vida, resignificando-a. Considerando os desafios apontados, Kovács (2012) adverte que só é possível oferecer apoio, em um sentido de acolhimento, a outra pessoa passando por um processo de luto, com autoconhecimento e cuidado aos próprios processos de luto. Contudo, nem todos os docentes terão as mesmas condições, rede de suporte e realidades, não podendo recair sobre eles a responsabilidade de serem “bem resolvidos” com suas questões de morte e luto (Kovács, 2005). É preciso, antes, que os ambientes de trabalho e ações formativas ofereçam as condições necessárias para o acolhimento desses professores, proporcionando não só espaços de formação com subsídios teórico-práticos, mas também espaços de reflexão e construção coletiva de suporte no enfrentamento das questões de luto não só para com os alunos, mas principalmente entre eles.

Os professores compreendem que a vivência de processos de luto pelos alunos causa uma ruptura no cotidiano escolar (Laterman & Szyllit, 2019; Yaegashi et al., 2019), principalmente no que tange à queda do rendimento escolar e mudanças comportamentais de alunos enlutados. Da mesma forma, quando o docente e a turma perdem um aluno há também uma ruptura no processo de ensino-aprendizagem. Os docentes também percebem que a vivência do processo de luto não se dá de maneira igual para todos os alunos, sendo um processo individual e, ao mesmo tempo coletivo, vivenciado pela turma, que é dependente da qualidade do vínculo que cada um mantinha com a pessoa que perdeu (Bowlby, 1978/2002). Muitas vezes, os docentes podem não ter seus próprios processos de luto reconhecidos no ambiente escolar. Isso pode ser naturalizado pela rotina maçante dos docentes e pelo imperativo de



uma lógica hierárquica de ter de seguir com o planejamento pedagógico independente de atravessamentos no processo. Assim, parece que o luto é percebido como algo indesejado, que atrapalha e que dificulta o processo de ensino-aprendizagem.

Os estudos de Laterman e Szylit (2021) e Giaretton et al. (2020) demonstram que, quando a morte concreta irrompe na comunidade escolar, os professores consideram ser mais importante disponibilizar espaços de escuta e diálogo sobre as questões da morte e do luto vivenciada pelos estudantes, do que encontrar estratégias sobre “o que dizer”. Tal ação contribui para a compreensão não da superação do luto, mas do cuidado do luto, que é um processo de construção de significado dialógico permanente (WNeimeyer, 2011). No mesmo sentido, defendem que o tema precisa ser discutido entre os professores e as famílias, criando um espaço de compartilhamento dessas questões, constituindo e fortalecendo redes de suporte. Nessa perspectiva, evidencia-se uma união entre a prática pedagógica e a prática docente, quando os professores refletem sobre o seu papel enquanto mediadores no tema da morte e do luto.

Pensar em como ocorre a mediação do tema da morte e do luto pelos professores quando há uma perda por morte concreta no ambiente escolar abre brecha para refletir sobre os significados de uma educação para a morte no currículo escolar. Para Herrero et al. (2022), a morte atravessa a realidade social e também as disciplinas escolares, por meio de diferentes situações que acabam demandando uma “resposta” dos professores, como quando um aluno recebe um diagnóstico de doença terminal, quando um aluno perde alguém significativo por morte, quando o tema da morte aparece relacionada a diferentes matérias (doenças, saúde, guerras, catástrofes, pandemias como a mais recente causada pela COVID-19), quando um aluno faz uma pergunta sobre a morte em si, etc. Situações como estas, são potencialmente educativas, pois por intermédio delas os professores podem proporcionar um ambiente formativo em que discutir sobre a temática da morte seja feita de forma natural, e desenvolvendo uma maior consciência sobre a vida (e a morte). Contudo, é preciso antes pensar nas condições psíquicas do professor para assumir tal postura de mediador, bem como as condições formativas e a rede de suporte ao corpo docente no que concerne ao diálogo do tema da morte e do luto.

Considerações finais

Na busca de conhecer a percepção de professores sobre o que implica mediar o tema da morte e do luto com seus alunos, evidenciou-se o reconhecimento da importância e da necessidade do autoconhecimento e da compreensão sobre o tema, para, então, mediar os diálogos com maior segurança com os estudantes. Nessa perspectiva, os dados encontrados salientam de forma unânime a falta de espaços formativos, o que, conseqüentemente, gera insegurança sobre como abordar o tema com os alunos. Evidencia-se, portanto, serem necessárias ações coletivas que visem desconstruir práticas e barreiras que afetam de maneira negativa a compreensão e vivência da morte e do luto no espaço escolar, perpetuando o sofrimento, o silenciamento, o julgamento e a isolamento de pessoas enlutadas.



No que tange à educação e à constituição dos sujeitos, os estudos demonstram a importância de a prática docente mediar o diálogo sobre a morte e o luto, no qual a posição dos professores é relevante, formadora de opinião e de grande potência na construção de significado sobre a morte e o luto de seus estudantes. Mas, também, evidencia-se a necessidade de apoio e formação estendida à equipe multiprofissional dentro da escola na participação desses diálogos e mediação com os alunos e famílias.

Os resultados encontrados apontam que, apesar de os processos de luto perpassarem e impactarem o âmbito escolar, cada escola responde a partir das condições e contextos em que estão inseridos. A análise dos cinco artigos selecionados revelou que os professores reconhecem a importância de abordar a morte e o luto na escola, compreendendo a necessidade de oferecer apoio aos alunos enlutados e de promover espaços de diálogo sobre o tema. Contudo, os estudos evidenciam uma forte insegurança dos docentes em relação à sua capacidade de lidar com a temática, o que se justifica pela falta de formação especializada e pela ausência de diretrizes claras sobre como abordar a morte e o luto no currículo escolar. Os professores também relataram dificuldades em lidar com seus próprios processos de luto, o que impacta diretamente em sua prática docente. A pesquisa aponta para a necessidade de se investir em formação continuada, que contemple tanto aspectos teóricos quanto práticos sobre a morte e o luto, e que ofereça suporte emocional aos professores. A criação de espaços de diálogo entre professores, equipe pedagógica e familiares também se mostrou fundamental para a construção de uma abordagem mais integrada e efetiva no enfrentamento do luto na escola.

Nesse sentido, sugere-se viabilizar instrumentos e formações não só aos docentes, mas às equipes pedagógicas e demais funcionários das escolas, que auxiliem os profissionais na mediação de diálogos e nos acolhimentos do luto e da morte de forma ética e cuidadosa. Compreendemos que a mediação do tema da morte e do luto envolve a posição ético-política na intermediação do psicólogo escolar e educacional no que concerne ao diálogo com a equipe pedagógica, os alunos, às famílias e à comunidade escolar como um todo na condução da inserção do tema da morte e do luto não mais como categoria da saúde (exclusivamente), mas também da educação. Em se tratando das formações docentes, essas necessitam ser cuidadosas e abranger o eu profissional e o eu pessoal dos professores, oferecer acolhimento (sem julgamento) às percepções e historicidade dos próprios docentes sobre a morte e o luto, oportunizar espaço para que dialoguem sobre os significados de suas próprias experiências de perdas e significados construídos. Após este processo, torna-se viável a introdução de subsídios teórico-práticos sobre a morte e o luto, sustentados pela literatura científica.

Faz-se necessário refletir e aprofundar os estudos sobre a interlocução entre uma receptividade, que é uma forma de acolhimento, das questões relativas à morte e ao luto no ambiente escolar e a prática pedagógica sobre a morte e o luto. Os benefícios de uma educação para a morte nas escolas são evidenciados. Contudo, é preciso ter cuidado ético na proposta de formações no tema da morte e do luto com os docentes. Não se trata de defender que se eduque sobre a morte e o luto na escola apenas, mas de pensar sobre em que condições é possível fazer isso, levando em conta a percepção dos docentes sobre o que implica mediar o tema de forma a minimizar o sofrimento e as dificuldades apontadas por eles



no cotidiano de sua prática profissional. É necessário atentar também ao contexto educacional e institucional, suas possibilidades e limitações, de forma que os diálogos sobre a morte e o luto não sejam colocados como mais um fardo para o professor ter de dar conta, sem suporte e instrumentalização adequados.

Por fim, constatamos que o número de estudos publicados sobre o tema da morte e do luto na escola ainda é limitado, merecendo uma maior atenção de pesquisadores e a existência de diversas lacunas a serem preenchidas. Nesse sentido, sugerimos estudos futuros que contemplem a perspectiva de outros atores da escola, além dos educadores, como a direção, funcionários em geral, alunos e familiares. Acreditamos na viabilidade de futuras revisões (narrativas, integrativas ou sistemáticas) para contribuir nas discussões acadêmicas trazendo o luto para o campo da educação e não só da saúde. Assim, será possível obter dados mais completos sobre o estudo do impacto do luto no ambiente escolar e seus diferentes atores.

Referenciais bibliográficos

Antunes, M. A. M. (2008, julho a dezembro). Psicologia escolar e educacional: história, compromissos e perspectivas. *Revista semestral da associação brasileira de psicologia escolar e educacional (ABRAPEE)*, 12(2), 469-475.

Ariès, P. (2023). *Morir en Occidente desde la Edad Media hasta nuestros días*. Adriana Hidalgo Editora.

Asbhar, F. S. F. (2014, maio a agosto). Sentido pessoal, significado social e atividade de estudo: uma revisão teórica. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 18(2), 265-272.

Attig, T. (2001) Relearning the world: making and finding meanings. In R. Neimeyer (Ed.). *Meaning reconstruction and the experience of loss* (pp. 33-53). American Psychological Association.

Bernz, V. (2012) *Luto nas escolas: uma questão a se trabalhar*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Vale do Itajaí].

Bowlby, J. (1978/2002) *Attachment and loss*, v.1: Attachment. Harmondsworth: Penguin, 1978. [Ed. Bras.: Apego e perda, v.1: Apego: a natureza do vínculo. Trad. Álvaro Cabral e Auripebo Berrance Simões. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002].

Chiattonne, H.B.C. (2003) A criança e a morte. In V. A. Angerami-Camon (Ed). *E a psicologia entrou no hospital* (pp. 69-146). Pioneira Thomson Learning.

Cullinam, A. L. (1990). Teacher's death anxiety, ability to cope with death, and perceived ability to aid bereaved students. *Death Studies*, 14, 147-160.

Cunningham, B. & Hare, J. (1989). Essential elements of a teacher in service program on child bereavement. *Elementary school Guidance and Counselling*, 23, 175-182.

Facci, M. G. D. (2004). *Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?: um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana*. Autores Associados.



- Franco, M. H. P. (2021). *O luto no século 21: Uma compreensão abrangente do fenômeno*. Summus.
- Ferreira, H. da S. X., & Farias, F. R. de. (2023). Escola Tasso da Silveira e sensíveis interpretações para a devida mediação memorial. *Revista M. Estudos Sobre a Morte, os Mortos e o Morrer*, 8(15). <https://seer.unirio.br/revistam/article/view/11151>
- Fronza, L. P., Quintana, A. M., Weissheimer, T. K. S., & Barbieri, A. (2015, janeiro a junho) O tema da morte na escola: possibilidades de reflexão. *Revista Barbarói*, 43, 48-71. <https://core.ac.uk/download/pdf/228499411.pdf>.
- Gascón, H. A. la., Herrero, P. R., & Yubero, V. de M. L. (2019, julho a setembro). Is death in the Spanish curriculum? *Revista de Educación*, 385, 201–226. <https://www.educacionfpydeportes.gob.es/revista-de-educacion/numeros-revista-educacion/numeros-anteriores/2019/385/385-8.html>.
- Giaretton, D. W. L., Olesiak, L. R., München, M. A. B., & Quintana, A. M. . (2020). A escola ante a morte e a infância: (des)construção dos muros do silêncio. *Revista Brasileira de Educação*, 25, e250035. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782020250035>.
- Herrero, P. R., Gascón, A. H., & Sánchez-Huete, J. C. (2022). What do teachers think of death education? *Death studies*, 46(6), 1518–1528. <https://doi.org/10.1080/07481187.2020.1817176>.
- Klass, D., Silverman, P. R., & Nickman, S. L. (1996) *Continuing bonds: new understandings of grief*. Taylor and Francis.
- Kohan, W. O. (2020). Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. *Práxis Educativa*, 15, 1–9. <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.16212.067>.
- Kovács, M. J. (2003). *Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação*. Casa do Psicólogo.
- Kovács, M. J. (2005). Educação para a morte. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 25(3), 484–497. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932005000300012>.
- Kovács, M. J. (2012). Educadores e a morte. *Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1), 71-81.
- Kübler-Ross, E. (2017). *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiros, religiosos e aos seus próprios parentes*. Martins Fontes.
- Laterman, I. & Szylit, R. (2021). Ausência presente em sala de aula: a morte de um aluno/a e o cotidiano escolar na perspectiva de professoras. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 16(1), 320-340. <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/14472/10338>.
- Laufer, L. (2012, janeiro a junho). A “bela morte”. *Ágora: Estudos em Teorias Psicanalíticas*, 15(1), 15-31.
- Leontiev, A. N. (2021). *Atividade. Consciência. Personalidade*. Mireveja.
- Leotiev A. N. (1978). *O desenvolvimento do psiquismo*. Livros Horizonte.
- Longarezi, A. M. & Puentes, R. V. (Orgs.). (2017). *Fundamentos psicológicos e didáticos do ensino desenvolvimental*. EDUFU.



- Magalhães, G. M. & Martins, L. M. (2020, janeiro a março). Onze teses sobre a relação entre psicologia educacional e pedagogia escolar. *Revista educação em questão*, 58(55), e19150. <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2020v58n55id19150>.
- Marques, P. R. M., & Demartini, Z. de B. F. (2013). Luto na escola: um cuidado necessário. *Revista Pedagógica*, 13(26), 43–58. <https://doi.org/10.22196/rp.v13i26.1265>.
- Martins, L. M. (2013). *O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural da pedagogia histórico-crítica*. Autores Associados.
- Neimeyer, R. A. (2011). *Grief and bereavement in contemporary society: bridging research and practice*. Routledge.
- Nunes, L. D. G. A., Lima, L. R. D., Sousa, K. A., Souza, C. S. D., Silva, G. M. (2021). Psicologia escolar em tempos de pandemia: Dilemas, incertezas e perspectivas de atuação. In F. Negreiros, & B. D. O. Ferreira (Eds.). *Onde está a psicologia escolar no meio da pandemia?* (pp. 838-867). Pimenta Cultural.
- Parkes, C. M. (1993). Bereavement as a psychosocial transition: process of adaptation to change. In M. S Stroebe, W. Stroebe, & R. O. Hansson (Eds.). *Handbook of bereavement: theory, research, and invention* (pp. 91-101). Cambridge University Press.
- Parkes, C. M. (2009). *Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações*. Summus.
- Patto, M. H. S. (2015). *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. 4ª ed. Editora Intermeios.
- Rego, T. C. (1995). *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Vozes.
- Rocha, J. O., & Negreiros, F. (2024). Perdas e luto: práticas em Psicologia Escolar e Educacional. *Psicologia Escolar E Educacional*, 28, e259335. <https://doi.org/10.1590/2175-35392024-259335>
- Rodriguez, C. F. (2010). *Falando de morte na escola: o que os educadores têm a dizer*. [Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/T.47.2010.tde-22072010-083807>.
- Santos, F. S., & Incontri, D. (2010). A educação para a vida e para a morte: do ensino fundamental à universidade. In S. F. Santos & D. Incontri (Ed.). *A Arte de Morrer - Visões Plurais* (pp. 15-29). Comenius.
- Saviani, D. (2003). *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. Autores Associados.
- Saviani, D. & Galvão, A. C. (2021). Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. *Revista Universidade e sociedade: projeto da Andes-Sindicato Nacional*. 31(67), 36-49. https://www.andes.org.br/img/midias/66ab954ec8f021a1b9ee3f68b131266d_1611672555.pdf
- Stroebe, M. S. & Schut, H. (1999, abril a maio). The dual process model of coping with bereavement: rationale and description. *Death Studies*, 23(3), 197-224.
- Teixeira, M. A. R. (2007). *A concepção freudiana de melancolia: elementos para uma metapsicologia dos estados da mente melancólicos*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis].



Torres, W. (1999). *A criança diante da morte*. Casa do Psicólogo.

Tuleski, S. C. (2022). *Formar para adaptar ou para transformar? Contribuições de Pistrak, Vigotski e Saviani para a educação*. Lutas Anticapital.

Vygotsky, L. S. (2000). *A construção do pensamento e da linguagem*. Martins Fontes.

Vygotsky, L. S. (2018) Pensamento e Palavra. In Vygotsky, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. Editora WMF Martins Fontes. (2ª ed, 3ª tiragem, pp. 395-486).

Vygotsky, L. S. (2021). *História do desenvolvimento das funções mentais superiores*. Editora WMF Martins Fontes.

Yaegashi, S. F. R., Antunes, E. G. S., & Lira, A. C. M. (2019, maio a agosto). As representações sociais de profissionais da educação sobre o luto infantil e dificuldades na aprendizagem. *Notandum*, 22(50). <http://dx.doi.org/10.4025/notandum.v0i50.47444>.

Recebido em: 1º de dezembro de 2023

Aprovado em: 10 de junho de 2024





